

## OS DESCAMINHOS DA RAZÃO SOB O OLHAR FOUCAULTIANO

Fátima Saionara Leandro Brito\*

*“A loucura é o exterior líquido e jorrante da rochosa razão”*

(Michel Foucault)

O louco é aquele que vaga pelo o universo da racionalidade, que balbucia sons indecifráveis para a tão sábia razão, é a voz trêmula e incômoda aos ouvidos daqueles que se dizem são; o louco é aquele que emite sons mudos diante da surda razão, ele é o sujeito que ameaça a ordem, a normalidade, a sociedade, enfim, ameaça a vida. Ocupando um espaço que se opõe a razão, a loucura é esse não-lugar, o terror que assola os sujeitos e que, portanto, deve ser silenciada, encaixotada e ter um lugar próprio – o hospício –, já que ela representa a desordem ameaçadora da sociedade. Esse sujeito negado e negativado pela razão, constitui um não-ser, sua existência é como um relâmpago deixando raios de luz que se esvaecem em alguns segundos. Assim é o louco no universo da racionalidade.

Sendo a loucura um tema bastante complexo e abrangente, buscaremos perceber neste trabalho, como esta, passou a ser encarada enquanto doença mental e, desse modo, como lhe foi instaurada um lugar próprio com tratamento específico e um saber científico que pretende saber sua verdade. Para tanto, nos apropriamos da perspectiva de Michel Foucault, na tentativa de buscar compreender a historicidade da loucura, pois, como afirma ele, esta “[...] só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade que a isola e das formas de repulsa que a excluem ou a capturam” (FOUCAULT, 2006: 163). Através dessa historicidade trabalhada por Foucault, buscamos compreender em que momento a loucura passou a ser medicalizada e de que forma ela passou a habitar os espaços sombrios dos hospícios e ser reconhecida enquanto doença.

Dessa forma, o presente texto se propõe a construir um percurso teórico e conceitual para subsidiar as discussões em torno da doença mental, bem como para pensar as práticas clínicas no universo daqueles saberes que possuem o prefixo "psi". Nossa intenção é rastrear nas obras de Foucault, as referências, os enfoques e os desdobramentos que elas trazem ao campo das práticas clínicas.

Seu primeiro livro em torno dessa temática foi publicado em 1954, intitulado de *Doença Mental e Personalidade*, e em 1962 revisto, ampliado e renomeado de *Doença Mental e*

---

\* Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

*Psicologia*. Em sua primeira versão, Foucault faz uma apresentação da psicologia e da loucura segundo os conceitos de Binswanger e Pavlov. Na segunda versão, introduz os elementos de sua pesquisa de Doutorado, localizando a origem da psicologia no século XIX, quando a loucura é varrida das cidades, passando a habitar um local próprio, ou seja, o hospício. Seu enfoque é de que a psicologia nunca poderá dizer a verdade sobre a loucura, pois é esta que detém a verdade sobre a psicologia, e que somente a literatura sob os nomes “de Holderlin, Nerval, Roussel e Artaud é que promete ao homem que um dia, talvez, ele poderá encontrar-se livre de toda a psicologia para o grande afrontamento trágico com a loucura” (FOUCAULT, 1984: 86).

Foucault instaura em suas pesquisas sobre loucura o método arqueológico, embora o filósofo Marcos Nalli, defenda a idéia de que os textos produzidos em um momento anterior a *História da Loucura*, ou seja, antes de 1961, como é o caso de *Doença Mental e Personalidade*, sejam textos proto-arqueológicos, os quais segundo ele, receberam uma forte influência da fenomenologia, da epistemologia, do estruturalismo e da Literatura. O fato é que suas principais análises sobre a loucura situam-se no limiar do método arqueológico. Conforme, (NALLI, 2006: 15-16):

A arqueologia foucaultiana, em linhas gerais, teve como objetivo analítico investigar as condições de possibilidade – a um só tempo históricas e transcendentais – do surgimento e da formação dos discursos, especialmente aqueles com pretensão epistemológica de serem discursos verdadeiros. Tais condições de possibilidade foram tematizadas como externas, podendo ser antecedentes ou contemporâneas àqueles discursos pretensamente científicos.

A partir desse método, Foucault tal qual um arqueólogo escava com seus instrumentos teóricos a temporalidade referente ao conceito de loucura, para mostrar os processos discursivos que deram visibilidade à doença mental. Em *História da Loucura* ele situa o aparecimento da imagem do louco enquanto um ser de negatividade, pois, durante a Idade Média a estilística das cidades na Europa volta-se para a lepra, já que esta representava a principal fonte de males existentes naquele período. Nesse sentido, passaram a ser instalados inúmeros leprosários nas principais cidades, para dar sentido de ordem e controle dessa doença tão perigosa e ameaçadora, a qual teve o seu declínio apenas no final da Idade Média. Conforme Foucault, “[...] a lepra se retira, deixando sem utilidade esses lugares obscuros e esses ritos que não estavam destinados a suprimi-la, mas sim a mantê-la a uma distância sacramentada, a fixá-la numa exaltação inversa.” (FOUCAULT, 2005: 6).

Aos poucos um novo mal surge na sociedade, vindo substituir a imagem do leproso, ou seja, as doenças venéreas, que passaram a comandar o quadro de preocupações nas cidades no final da Idade Média. Contudo, segundo Foucault, torna-se importante ressaltar que o grau de intensidade e manifestação desta doença não se assemelhou à lepra, por isso, aos poucos as doenças venéreas passaram a fazer parte do conjunto das outras doenças, ou seja, não suscitava mais uma preocupação e exclusão social. Desse modo, não são as doenças venéreas que asseguraram o papel que cabia à lepra, papel este exclusivamente atribuído à loucura. Conforme, (FOUCAULT, 2005: 8)

Esse fenômeno é a loucura. Mas será necessário um longo momento de latência, quase dois séculos, para que esse novo espantalho, que sucede à lepra nos medos seculares, suscite como ela reações de divisão, de exclusão, de purificação que, no entanto lhes são aparentadas de uma maneira bem evidente. Antes de a loucura ser dominada, por volta do século XVII, antes que se ressuscitem, em seu favor, velhos ritos, ela tinha estado ligada, obstinadamente, a todas as experiências maiores da Renascença.

Desse modo, a loucura passou através da Renascença, a ser representada na literatura e na filosofia, a exemplo dos textos de Brant e Erasmo de Roterdã e na arte através das pinturas de Boch e Breughel. Porém, não tardou para que a loucura fosse tomada das mãos dos artistas e escritores passando a ser negatizada através do internamento em asilos. Assim, os espaços asilares foram configurados como lugares destinados aos miseráveis, ociosos e vagabundos. Estes lugares, que em outro momento fora destinados à maldição da sociedade representada na figura do leproso, a partir de então, passou a abrigar a figura eminente do louco.

Segundo Foucault, o internamento é uma criação própria do século XVII, é nesse momento em que surge o asilo, instituição que ocupou o espaço infecto e assombrado que em outrora era conhecido como leprosário. A loucura passou dessa forma a ser enclausurada, escondida, encaixotada, tirada dos lugares que pudesse manchar a ordem e o brio das cidades européias. Porém, a experiência do internamento, tal qual conhecemos hoje, ainda não se fazia presente, uma espécie de varredura, era feita em toda a sociedade, desse modo, a loucura passou a dividir o espaço nos asilos com “doentes venéreos, devassos, dissipadores, homossexuais, blasfemadores, alquimistas, libertinos: toda uma população matizada se vê repentinamente, na segunda metade do século XVII, rejeitada para além de uma linha de divisão, e reclusa em asilos que se tornarão, em um ou dois séculos, os campos fechados da loucura.” (FOUCAULT, 2005: 102).

Foi no século XVIII, que a loucura passou a ser entendida como doença, neste momento uma série de discursos começaram a se delinear em torno do desatino, especificando uma

geografia mórbida, na qual as doenças dos nervos passaram a ter visibilidade diante das práticas de cura, tais como: o uso do ópio, de mordidas de serpentes, duchas frias, entre outros procedimentos que visavam acima de tudo, coagir não só as pulsões da doença, mas o próprio sujeito.

A partir de então, a loucura passou a constituir um problema em si e para si. Segundo Foucault, foi a primeira vez que se viram defrontados sistematicamente a loucura internada e a loucura tratada, a loucura aproximada do desatino e a loucura aproximada da doença. “Em suma é o primeiro momento desta confusão, ou desta síntese (como se prefira denominá-la), que constitui a alienação mental, no sentido moderno da palavra.” (FOUCAULT, 2005: 428).

Segundo Foucault, essa idéia da loucura enquanto doença que necessita ser tratada/curada através de um aparato científico, tendo como suporte o saber clínico no sentido que conhecemos, ainda não era tão clara no início do século XIX. Até esse momento, o louco era tido como monstro – isto é, seres ou coisas que mereciam ser mostrados. Desse modo, foi apenas com o surgimento de saberes como a psicanálise que foi atribuída à imagem do louco, outros sentidos que não apenas o do desatino, mas um sentido patológico se fez presente. Fator esse, permitido através de uma historicidade, que fez emergir inúmeros discursos, os quais, deram visibilidade à loucura enquanto doença mental. Conforme, (FOUCAULT, 2005: 375)

A noção de loucura, tal como existe no século XIX, formou-se no interior de uma consciência histórica e isto de dois modos: primeiro, porque a loucura em sua aceleração constante, forma como que uma derivada da história; e, a seguir, suas formas são determinadas pelas próprias figuras do devir. Relativa ao tempo e essencial à temporalidade do homem: é assim que nos aparece a loucura tal como ela é então reconhecida ou pelo menos sentida, bem mais profundamente histórica, no fundo, do que ainda o é por nós.

Procuramos trilhar até aqui, o caminho seguido por Foucault em *História da loucura*, buscando instaurar uma historicidade, na qual o autor situa a loucura nos diversos momentos e as várias formas que as sociedades a percebiam, experimentavam-na e encaravam-na, na tentativa de mostrar que a loucura passou por um processo de formação discursiva que a elaborou enquanto doença mental.

Nas discussões presentes nesta obra, sobre o saber médico que permitiu à loucura ser reconhecida como doença e passar a habitar um espaço próprio – o hospício – percebemos que inicialmente, Foucault associa Freud a Nietzsche, por ambos possibilitarem ao homem moderno, encontrar no fundo de si mesmo, o ponto de contestação de toda a verdade. Em

seguida ele afirma que é preciso reconhecer a importância de Freud destacando o valor da psicanálise ao retomar a loucura ao nível da linguagem e reconstituir um dos elementos essenciais de uma experiência silenciada pelo positivismo, reabrindo, no pensamento médico, a possibilidade de um diálogo com a desrazão. Segundo Foucault, essa importância necessita ser ressaltada, já que é justamente esse diálogo com a experiência da desrazão que a psicologia no mundo moderno tentou ocultar. Conforme (FOUCAULT, 2005: 502)

É nessa medida que toda a psiquiatria do século XIX converge realmente para Freud, o primeiro a aceitar em sua seriedade a realidade do par médico-doente, que consentiu em não separar do par nem seus olhares, nem sua procura, que não procurou ocultá-la numa teoria psiquiátrica bem ou mal harmonizada com o resto do conhecimento médico. O primeiro que seguiu rigorosamente todas as conseqüências desse fato. Freud desmistificou todas as outras estruturas do asilo: aboliu o silêncio e o olhar, apagou o reconhecimento da loucura por ela mesma no espelho de seu próprio espetáculo, fez com que se calassem as instâncias da condenação.

Há desse modo, uma diferenciação no papel exercido pela a psicanálise e pela a psicologia, enquanto a primeira dá voz a desrazão, a segunda tenta silenciá-la. Neste sentido, Foucault, diferencia a contribuição específica da psicanálise, da função moralizante de silenciamento da loucura promovida pela psicologia. Nesse sentido, Freud se aproxima em grande medida a Nietzsche e está distante de Pinel e do saber psicológico.

Contudo, a relação liberadora da psicanálise com a loucura é, segundo Foucault, apenas uma possibilidade, jamais de fato realizada. A segunda dimensão da interpretação foucaultiana se apresenta na afirmação de que a prática psicanalítica reproduz o asilo, e que, na verdade, existe uma continuidade da dominação que vai de Pinel a Freud. Nesse momento, Foucault o distancia de Nietzsche. Para (FOUCAULT, 2005: 502), a psicanálise

[...] em compensação explorou a estrutura que envolve a personagem do médico; ampliou suas virtudes de taumaturgo, preparando para sua onipotência um estatuto quase divino. Trouxe para ele, sobre essa presença única, oculta atrás do doente e acima dele, numa ausência que é também presença total, todos os poderes que estavam divididos na existência coletiva do asilo. Fez dele o Olhar absoluto, o Silêncio puro e sempre contido, o Juiz que pune e recompensa no juízo que não condescende nem mesmo com a linguagem; fez dele o espelho no qual a loucura, num movimento quase imóvel, se enamora e se afasta de si mesma.

Através dessa trajetória traçada pelos saberes compostos pelo prefixo “psi”, percebemos que o início do século XIX, assinalou o momento em que a medicina, criticando seu passado e para justificar sua originalidade, se apresentou como medicina científica. Foi neste momento

em que o espaço do asilo se transformou em manicômio, composto de todo um aparato científico que pretendia “revelar” a “verdade” da loucura, decifrar seus signos, entender e traduzir sua linguagem. Meio a essas pretensões, uma nova personagem se apresenta, atendendo sob o codinome de “médico”, figura potente e temida, pois é ele quem detém o diagnóstico e a cura para aqueles sujeitos patalogizados pela insanidade, assim, “pela primeira vez, no mundo ocidental, a loucura vai receber status, estrutura e significação psicológicos.” (FOUCAULT, 1984: 83).

Desta forma, o século XIX representa o território fértil para o surgimento da clínica, discussão feita por Foucault em seu livro intitulado *O Nascimento da Clínica*, publicado em 1963. Obra que nos possibilita perceber um deslocamento histórico em relação à medicina clássica, pois segundo Foucault, ao nível institucional uma nova articulação se evidencia: o hospital – até então órgão de assistência ao pobre e de preparação para a morte – torna-se local privilegiado do exercício da medicina tanto do ponto de vista da cura, quanto do ensino. A doença é o grande enfoque, ela tornou-se a partir do surgimento desta instituição, um problema público, um dever político e, acima de tudo, o alimento da medicina clínica que na figura do médico instaura um saber sobre o indivíduo, condenando-o enquanto um corpo doente.

O fato é que Foucault, transita e ultrapassa todos os limites que pudessem colocar a doença mental em um lugar de naturalidade, ele nos mostra a todo o momento através de suas obras, que a insanidade é algo contruído e reelaborado pelo saber médico, o qual também é efeitos de uma historicidade. Uma outra obra em seu nome que dissolve os lugares de naturalidade do louco é, *Eu Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. Este livro trata de um caso parricida presente no ano de 1835, onde a medicina mental, passa a firmar sua autoridade no campo jurídico, na tentativa de esclarecer se o criminoso é, ou não, normal, e conseqüentemente se ele é, ou não, responsável pelos seus atos.

Percorremos por entre as obras de Michel Foucault, para buscar compreender como se deu a produção histórica da loucura enquanto doença mental, nos deparamos com construções discursivas que elaboraram essa imagem tão temida e, portanto, silenciada, anclausurada e negativada em nossa sociedade. Seria o motivo de tamanho silêncio em torno do louco hoje, o fato de a Razão no alto de sua sabedoria, não ter conseguido a tão pretenciosa meta de decifrar a loucura? Essa é uma das inúmeras questões em torno do silenciamento da loucura que nos inquieta e nos faz alçar outros vãos.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura: na Idade Clássica**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Coleção Ditos & Escritos Vol. I. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da Clínica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

\_\_\_\_\_. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro: 2. ed. Tempos Brasileiros, 1984.

NALLI, Marcos. **Foucault e a Fenomenologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

QUEIROZ André. **O Presente e o Intolerável: Foucault e a História do Presente**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.